

ASPETOS DA  
ROMANIZAÇÃO DAS  
TERRAS BEIRÃS DE  
ENTRE TEJO E DOURO



## **Ficha Técnica**

### **Título**

Aspetos da Romanização das Terras Beirás de Entre Tejo e Douro

### **Edição**

Câmara Municipal de Celorico da Beira | ARA - Associação de Desenvolvimento, Estudo e Defesa do Património da Beira Interior

### **Apoio Editorial**

Câmara Municipal da Guarda | Centro de Estudos Ibéricos | Agência para a Promoção da Guarda

### **Coordenação Geral**

José Francisco Gomes Monteiro, Presidente da Câmara Municipal de Celorico da Beira

José Luís Saúde Cabral, Vice-Presidente da Câmara Municipal de Celorico da Beira

António Graça Silva, Vereador da Câmara Municipal de Celorico da Beira

Joaquim Carlos Dias Valente, Presidente da Câmara Municipal da Guarda

### **Comissão Executiva**

Alexandra Isidro | António Saraiva | Vítor Pereira | António Marques | Alcina Cameijo | Hugo Faustino

### **Programa Museológico**

Alcina Cameijo

### **Enquadramento Histórico**

Manuel Sabino Perestrelo | Vítor Pereira

### **Apresentação dos Sítios Arqueológicos – Textos de:**

António Sá Coixão (Rumansil; Vale do Mouro); Elisa Albuquerque (Torre de Almofala); Pilar Reis (Quinta do Prado Galego); Fernando Patrício Curado, Maria do Céu Ferreira, João Carlos Lobão (Vilares); António Carlos Marques (S. Gens); Diana Coelho, António Carlos Marques, Vítor Pereira (Quinta do Piroco); Tiago Pereira (Algodres); Pedro C. Carvalho, Carla Santos, António Tavares (Sítio arqueológico da Raposeira); Vítor Pereira (Sítio arqueológico da Póvoa do Mileu); Catarina Tente, Tiago Pereira (Monte Aljão); Rui Silva (A cidade romana de Bobadela); Helena Frade, Elisa Albuquerque (A Torre de Centum Celas); Arqueohoje (Quinta da Fórnea); Marcos Osório (Casal do Relengo); Pedro C. Carvalho (Orjais; Terlamonte); Sara Ferro (Quinta da Arrochela); João Mendes Rosa, Joana Bizarro (Termas romanas do Ervedal); Pedro C. Carvalho (Igaedis); Ricardo Costeira da Silva (O Monte de S. Martinho); Carlos Batata (Uma Mansio chamada Sartago?); Carlos Batata, Miguel Gaspar (Couto mineiro do Sítio do Cobre); Carlos Batata (S. Miguel da Amêndoa); Francisco Henriques, João Carlos Caninas (Castelo do Chão do Trigo).

### **Restauro e Conservação das Peças**

Hugo Faustino

### **Secretariado**

Paula Cunha | Ana Vendeiro | Liliana Tenreiro

### **Fotografia**

Arménio Bernardo

### **Montagem da Exposição**

António Freixo | Renato Coelho

### **Design Gráfico e Paginação**

Marco Pitt, Carlos Dias

### **Colaboração na Montagem**

Maria do Céu Santos | Luís Calheiros

### **Apoios**

Direcção Regional de Cultura do Centro | Museu da Guarda | Junta de Freguesia de Valhelhas | Fundação ACOA | Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço

**Depósito Legal:** 364249/13

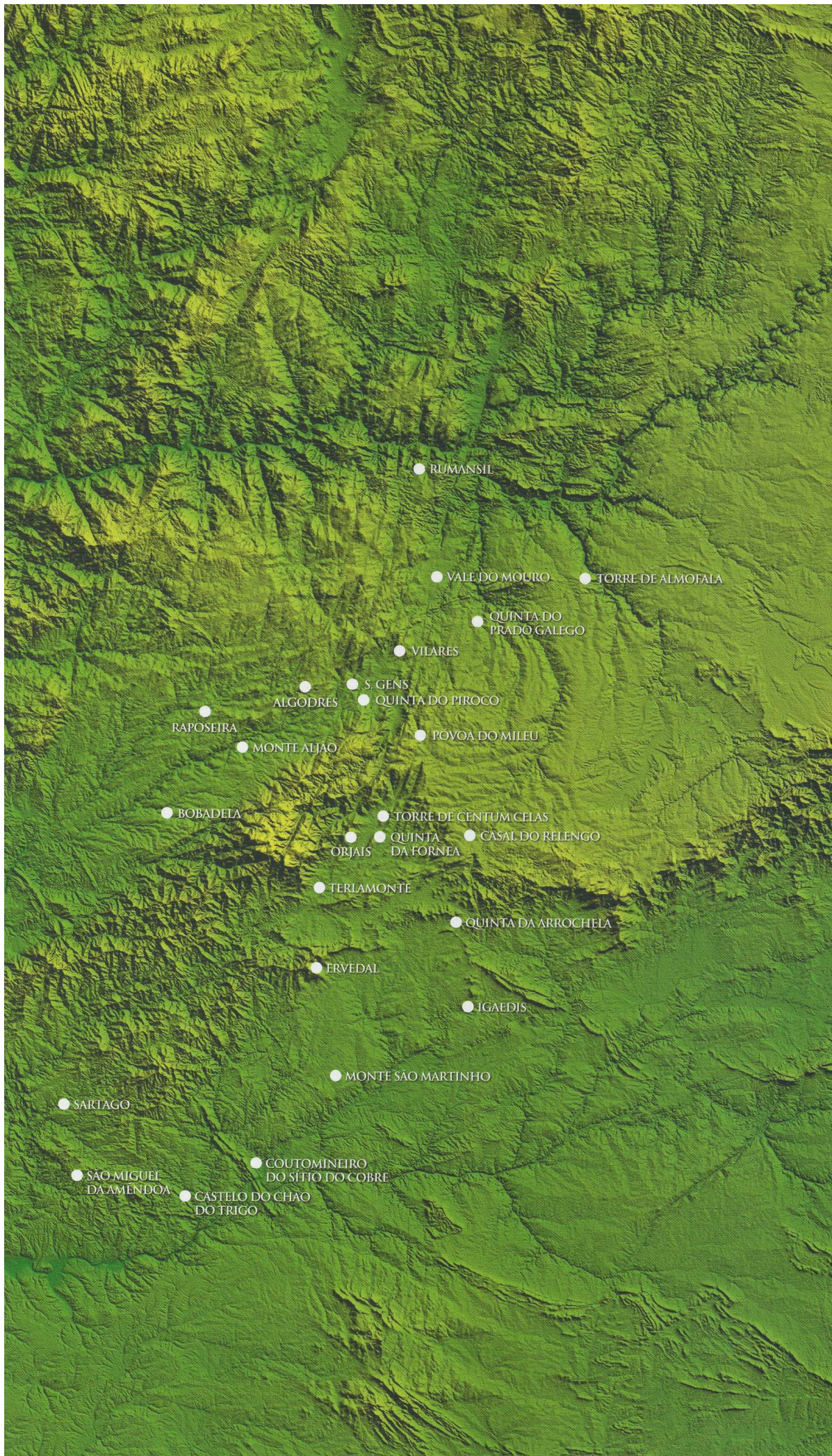
**Tiragem:** 1000 exemplares

**Impressão e acabamento:** Tipoprado-Artes Gráficas, Lda

**Capa:** Moeda de Adriano, proveniente do sítio arqueológico da Póvoa do Mileu (Guarda).

# ROTEIRO

ASPETOS DA ROMANIZAÇÃO NAS TERRAS BEIRÃS  
DE ENTRE TEJO E DOURO



# CASTELO DO CHÃO DO TRIGO

## SÃO PEDRO DE ESTEVAL - PROENÇA-A-NOVA

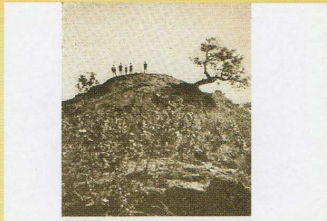


Fig. 1 - Fotografia de A. Lopes Tavares, mostrando vista da banda sul (General João de Almeida, *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses - Distrito de Castelo Branco*, volume 1, tomo 2, edição do autor, Lisboa, p.479-480, 1945)



Fig. 2 - Vista do sítio tomada do lado sudoeste (Henriques & Caninas, 2013)



Fig. 3 - Vestígios de muralha aproveitada como muro de suporte de oliveiras (Henriques & Caninas, 2013)

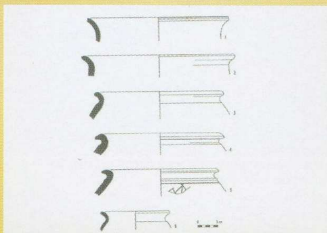


Fig. 4 - Cerâmicas da Castelo do Chão do Trigo segundo A. D. Diogo e J. Catarino, in *Cerâmicas da Idade do Ferro do Castro da Cerca do Castelo - Proença-a-Nova, Almadã, 14, 2ª série, Almadã, p.153-154, 2006.*

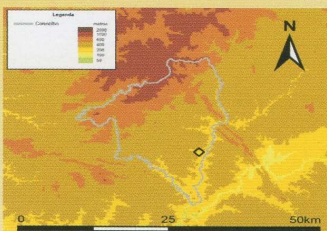


Fig. 5 - Localização do sítio sobre mapa hipsométrico com a delimitação do concelho de Proença-a-Nova.

O sítio arqueológico está implantado num apertado meandro da ribeira de Estevês, perto da afluência desta no rio Ocreza, que é afluente do Tejo. Corresponde a um modelo de assentamento muito encaixado em cursos de água secundários e que se repete na bacia deste rio peninsular, tanto no interior de Portugal como na Alta Extremadura espanhola, com ocupação datada do Ferro pleno. Segundo Ana Martín Bravo estes sítios, “camuflados en el paisaje” (1999), embora muralhados, não visavam o controlo visual sobre o território. Podem corresponder, tanto no Portugal Interior como na Extremadura espanhola, a uma mesma realidade cultural do I milénio a.C., em território de transição entre Vetões, Celtiberos e Iberos, e terem sido absorvidos pela Romanização.

Nas *Memórias Paroquiais* de 1758 o Castelo do Chão do Trigo é mencionado como “hua antiga povoação (...) que se dis ser dos romanos, era murado com duas portas de que ainda há vestígios e (...) sempre na cultura das terras dentro e fora se acham algumas moedas de prata e todas elas são dos romanos, e haverá quarenta anos em pouca distancia da dita povoação se acharão dentro de huma pedra bitumada trezentas moedas de prata (...) e muitas erão feitas no anno em que Christo nasceo e outras antes e outras depois.” (Pedro Azevedo, 1901). A partir do séc. XX é referido por diversos autores, casos do general João de Almeida (1945), que nos lega registo fotográfico do sítio, de Mário de Castro Hipólito (1961), que aborda o tesouro monetário ali achado, no qual assinala efigies de imperadores romanos (mas não as tendo observado tal atribuição não é segura), de A. Dias Diogo e J. Catarino (1992, 2006), que atribuem ao final da Idade do Ferro as cerâmicas ali estudadas, além de outras abordagens de F. Henriques e J. Caninas (1980 e 1983), de Jorge de Alarcão (1988) e de Carlos Batata (2006).

O cabeço onde se instalou o Castelo encontra-se totalmente ocupado por oliveiras, apoiadas em muros de suporte, excepto no topo, onde o afloramento deu lugar ao esteval. Desde o séc. XX, o olival e a abertura de acessos terão contribuído severamente para a degradação do sítio e eventual desmonte das estruturas. Contudo, vislumbram-se restos de muralha sobrepostos por muro moderno que forma circuito contínuo a oeste, a norte e a leste. No lado sudoeste, de mais fácil acesso, observam-se três níveis de soalcos, um dos quais com aterro de 4 m de altura, que devem corresponder ao antigo povoado. No interior do recinto muralhado foram encontradas pequenas mós rotativas em granito e cerâmica manual e a torno, materiais idênticos aos estudados por A. Diogo e J. Catarino (2006) com “características de níveis ocupacionais indígenas da Idade do Ferro Final, podendo no seu espectro mais lato, ser contemporâneos dos finais da república e inícios do período imperial. Estes materiais de uso comum, não nos apresentam quaisquer indícios de aculturação com artefactos de fabrico romano”.

Foi confirmada a presença de escória metalúrgica no local, mas afastada a hipótese de corresponder a minério de cobre (inf. geólogo Miguel Gaspar). Em momento de transição da Idade do Ferro para a Romanização, colocamos como hipótese a relação deste sítio com a exploração dos depósitos auríferos do Tejo e rede fluvial associada, como é o caso do rio Ocreza e seus afluentes.

# CAESAR ADRIAN TR III

